

Sobre a figura de Júlio César no *Livro da Montaria* de D. João I¹

Vera Leitão / João Dionísio

Universidade de Lisboa

Data de aceitação do artigo: 25/09/2008

Resumo

Durante o século XV, a figura de Júlio César apresenta-se em vários textos como o modelo de estadista letrado, de governante que associa em si as armas e as letras. Seguindo os trechos onde se menciona esta personagem histórica no Livro da Montaria de D. João I, tentamos identificar as fontes literárias por detrás destas menções e defendemos que o uso que o autor faz desta personagem é alheio àquela configuração.

Palavras chave: Júlio César, tratados didáticos, configuração literária de figuras históricas, crítica textual.

Abstract

During the 15th century the image of Julius Caesar configures itself in several texts as the model of erudite statesmen, who cultivate both military and literary arts. By analyzing the passages in Livro da Montaria by D. João I that refer Julius Caesar, we seek to identify the written sources behind those allusions and argue that the use this author makes of this historical figure is alien to the model mentioned before.

Keywords: Júlio César, didactic treatises, literary configuration of historical figures, textual criticism.

Na literatura medieval escrita em vernáculo entre os sécs. XIII e XV, a figura histórica de Júlio César serviu para a construção de uma imagem algo mítica que foi funcional em cenário de mudanças sociais, ideológicas e políticas. Se até ao séc. XV em obras de carácter historiográfico preponderou na sua representação a imagem de modelo cavaleiresco, a partir de então, designadamente no último terço de Quatrocentos, começam a ser acentuadas outras qualidades

¹ Agradecemos ao Professor Doutor Aires A. Nascimento e à Professora Doutora Isabel Barros Dias as observações que fizeram a uma versão preliminar deste artigo.

de César, como o seu interesse pela poesia e as suas qualidades de orador. É então que se consolida a sua imagem de indivíduo capaz de unir harmoniosamente as armas e as letras (Beceiro Pita 2003).

No que diz respeito a Portugal, está por fazer o estudo da recepção de Júlio César na nossa literatura de Quatrocentos. Um dos textos de pesquisa obrigatória neste campo é o *Livro da Montaria (LM)*, tratado de caça redigido por D. João I com finalidade a que não terá sido alheia a vontade de se afirmar como príncipe letrado. Como a esta vontade se ajustaria bem a convocação exemplar de Júlio César na dupla dimensão de estadista e indivíduo culto, o objectivo da presente nota é apurar as fontes para as configurações de Júlio César no *LM* e ver se o modo como é representado se sintoniza com o estatuto duplo de governante e de escritor.

Os três passos do *LM* que interessa recensear situam-se nas páginas 9 (Livro I, cap. 2), 325-26 (Livro III, cap. 1) e 365 (Livro III, cap. 9.12) da edição feita por Esteves Pereira², todos eles assinalados por Aníbal Pinto de Castro (1989) e por Maria Helena Prieto (1992). Para nenhum deles se determinou de modo preciso a fonte subjacente, embora qualquer um destes autores refira que as passagens em causa devem ter a mesma proveniência³, a qual deveria corresponder à obra que vem indicada na lista de livros de D. Duarte pela designação *Julio cesar*⁴. Esta obra tem sido identificada com a *Vida e Feitos de Júlio César*⁵ (*VFJC*), tradução quatrocentista anónima

² Aguarda-se que venha a lume a edição de Adelino de Almeida Calado, baseada em mais vasto conhecimento de testemunhos do que o que foi possível a Francisco Maria Esteves Pereira no início do séc. XX.

³ A. P. de Castro, *op. cit.*, pp. 57-58; M.^a H. de T. C. U. Prieto, *op. cit.*, p. 83: «Suspeitamos [...] de que se trata sempre da mesma obra [como fonte dos três trechos]».

⁴ *Livro dos Conselhos de El-Rei D. Duarte (Livro da Cartuxa)*, p. 207.

⁵ No exemplar do único testemunho completo da *VFJC* (San Lorenzo de El Escorial Q. I. 17) devia comparecer «um primeiro fólio ou capa onde se encontrava inscrito o título e o parágrafo I do prólogo» (M.^a H. M. Mateus, “Introdução”, p. XXVII), um e outro estando omissos no códice que pertenceu ao Condestável D. Pedro. Apesar de o título parecer resultar de uma decisão editorial tomada a partir de dois elementos – o título do texto francês original *Li Fet des Romains* e a designação com que figura no catálogo do condestável D. Pedro («intitulat en la cuberta ab letres dor *Suetonyo de vida de Julio Cesar (...)*») (Nascimento 2003: 157, nota 1), o *explicit* sugere em grande medida a expressão que o constituiu: «Aqy acaba Subtonyo a vida e feytos de Çesar» (cf. Mateus 1970: XXIII e *VFJC*, vol. II, p. 727, l. 17). Sobre a identificação da *VFJC* com o texto designado *Julio cesar* na lista de livros de D. Duarte, cf., por exemplo, J. M. Piel 1948: XXXVI, nota 2; Á. J. C. Pimpão 1959: 13-14. Antes, T. Braga propusera que se tratasse de um exemplar dos *Comentários* de Júlio César (1892, t. I, p. 222).

de *Li Fet des Romains* (séc. XIII), e é justamente um dos textos a tomar em conta como fonte eventual dos trechos em apreço.

Mas o confronto entre os dados externos relativamente a cada um dos textos não se revela inequívoco quanto à plausibilidade de a *VFJC* ter exercido influência sobre o *LM*. A própria editora da compilação cronística afirma ignorar sinais da influência exercida em autores contemporâneos pelo texto que o códice escorialense transmite (Mateus 1970: XXVIII)⁶. O único manuscrito completo desta obra que chegou aos nossos dias pertenceu à biblioteca do condestável D. Pedro, sendo necessariamente anterior a 1466, data da sua morte. Aires Nascimento identificou o escudo heráldico no fólio de abertura deste manuscrito como pertencente ao condestável D. Pedro em momento anterior à entronização aragonesa, quer dizer, antes de 1464 e defendeu a hipótese de o códice ter sido confeccionado em solo português, por iniciativa do próprio filho do infante D. Pedro (Nascimento 2003: 1662-66). Veja-se, no entanto, que a reflexão sobre a data de redacção da *VFJC* tem de considerar outro manuscrito, este fragmentário e guardado na Biblioteca Nacional de Lisboa (Mss. 248, n. 33). Identificado por Maria Helena Mira Mateus, este fragmento apresenta características que foram interpretadas como sinais da sua anterioridade em relação ao manuscrito do Escorial:

Há (...) duas diferenças que permitem pôr como hipótese que o fólio agora redescoberto pertencia a uma cópia anterior à que se encontra no Escorial: a introdução de dois títulos no meio do texto do fragmento e a ocorrência de dois erros evidentes, iguais em ambos os textos, erros que não foram corrigidos no manuscrito escorialense. Este último, na realidade, não integra qualquer título, mas contém espaços que porventura seriam preenchidos posteriormente; o primeiro título do fólio da Biblioteca Nacional é da autoria do tradutor, e o segundo, uma interpretação livre do texto francês. (Mateus 1983: 62)⁷

⁶ Por seu lado, J. M. Piel, apoiado em impressão que não documenta, admite que a *VFJC* (e refere-se ao texto do códice do Escorial) seja anterior ao *Livro dos Ofícios* de Cícero traduzido pelo infante D. Pedro e que constitua a fonte do conhecimento da história de Roma para D. Pedro e seus contemporâneos (1948: XXXVI).

⁷ A autora não diz que o fólio pode pertencer ao exemplar do manuscrito do Escorial. Apurado o paradeiro deste fragmento por Pedro de Azevedo (1913: 108) (que a *posteriori* lhe perde o rasto), registado por Avelino Jesus da Costa em *Pergaminhos medievais. Inventário bibliográfico e ideográfico*, o fólio foi redescoberto por Isabel

Note-se, a este respeito, que Maria Helena Mira Mateus poderia igualmente com base nestes dados colocar a hipótese de os dois manuscritos provirem de um terceiro, hoje perdido. A indicar que a questão cronológica está por esclarecer, temos a informação cautelosamente fornecida pela Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses (cf. MANID 147), segundo a qual este manuscrito fragmentário datará de entre 1401 e 1500.

Quanto ao *LM*, apesar de Adelino de Almeida Calado assinalar que só em 1423, com a assinatura do tratado de paz com Castela, terão sido reunidas condições de tranquilidade para que D. João I redigisse a sua obra (Calado 1994: XXXIX), é prudente afirmar que este tratado terá sido concluído depois de 1415 (na epígrafe inicial o autor é apresentado como «Señor de Ceuta») e antes de 1433, ano do falecimento do seu autor.

Deixando de lado os problemas de cronologia, e admitindo que pode ter havido alguma cópia da tradução portuguesa já em tempo de D. João I (possibilidade que para o tempo de D. Duarte a verba da sua lista de livros, antes referida, torna menos académica), observemos as três passagens do *LM* em que aparece a figura de Júlio César para em seguida tentarmos apurar as fontes de que se terá servido D. João I e circunscrever a imagem que assim é construída do imperador romano.

1.

Por a qual rezom deue a todo o homem ser notada hũa palaura que he dita na caronica rromãa, que disse hum sabedor sobre hum feito que sucedeo a Julio Cesar com Petreo e Freneeo, quando os tomou per sede, disse assi: Oo tu homem que muyto te lanças a todollos viços, e que muyto desejas teer a tua mesa muy abastada de todallas uiandas, que o teu apetito deseja, que sera de ti quando fores em tal angustura, ca pouco he aquillo em que se o homem a de manteer em no mister da guerra. (LM, p. 9)

Para este trecho, é possível que a fonte se encontre na *VFJC*, onde a dada altura é feito o relato do modo como Júlio César leva de vencida Petreus e Afranius, os lugares-tenente de Pompeu, obrigando o exército destes últimos a dirigir-se para uma montanha, entretanto cercada, e impedindo-o de ter acesso a cursos de água. Num primeiro momento os de Petreus e Afranius mataram os cavalos de que

Cepeda e identificado positivamente por Maria Helena Mira Mateus. A sua proposta de identificação é mencionada sem comentários por Avelino Jesus da Costa (1992: 73-75).

dispunham, bebendo-lhes o sangue e comendo-lhes a carne; depois, pressionados pela fome e pela sede, decidem descer e afrontar as tropas inimigas, as quais, por ordem de César, se mantêm nas respectivas posições, sem reacção, de modo a conseguirem vencer o confronto sem perdas humanas. Os adversários de César voltam então ao monte:

E em outro dia começaram a cavar a terra com as pontas das espadas e dos dardos e derribar rochas, e nunca poderom achar hũa soo gota d'augua. E tiinham ja perdida a fome com a sobegidom da sede. E taaes hi avia que matavam as egoas e outras bestas femeas quaaesquer que achavam, e mamavam tanto que çugavam o sangue em vez de leite. E pisavamervas e folhas e beviam o çumo delas; (...) se lhes secavam as bocas e encurtavam-se-lhes as linguas e secavam-se-lhes as veas que nom podiam bafejar; (...). E oolhavam ameude contra dous rios grandes que corriam acerca e acrecentavam sua sede. Melhor lhes fora estar no deserto do Egipto ou de Thiopia ou em outro lugar hu nom vissem augua. (*VFJC* II, p. 421, ll. 1-12)

O trecho que nos interessa do *LM* poderá resultar de uma reminiscência de um passo que vem a seguir ao relato deste episódio na *VFJC*, quando encontramos:

E diz Lucano que a desesperança nom val nada; hũu homem se trabalha de buscar viandas de mui gram preço, per mar e de terra, e de beber mui fortes vinhos per copas d'ouro e de prata; e hũu gram poboo era salvo soamente bevendo hũa pouca d'augua, per seus punhos, e comendo hũu pouco e hũu pequeno de pam sem demandar outros manjares mais delicados. (II, p. 423, ll. 4-8)

Note-se então que no trecho do *LM*: a) o termo «sabedor» remeteria assim para Lucano, cuja *Pharsalia* é neste ponto do relato incorporada em *Li Fet des Romains* pelo seu compilador, por sua vez seguido sem transformações significativas na tradução portuguesa quatrocentista⁸; b) «caronica rromãa» significaria, portanto, a *VFJC*; e c) o episódio a que se alude seria provavelmente o da derrota de Petreus, de Afranius e dos seus comandados à mingua de água.

O relato do mesmo episódio na *Crónica Geral de Espanha de 1344* (*CGE 1344*), parecendo confirmar a bondade do enunciado em

⁸ Lucano, *Pharsalia*, IV, 363-401 (segundo a «discriminação de fontes por parágrafos» da ed. M.^a H. M. Mateus, I, p. XL).

a) e c), lança dúvida sobre a plausibilidade de b). Com, efeito, no capítulo 79 da *CGE 1344*, intitulado «Como Petreo e Freneo fezerõ a avêça por sy e pollos da sua parte cõ Julyo Cesar», deparamos com o seguinte:

E sobr'esto diz Lucano, respondendo aos cavaleyros e a quaaes quer que andam ã guerra e querense tãer viçosos no tempo das armas, em esta guysa:

– Oo tu, desmesurado gastador das cousas, que te ã comer nõ avondã muytas vyandas! E tu, fame gargantoa, que nom te avonda o que podes achar per terra e per mar! E tu, mesa deleytosa, chea de quãtas cousas o comedor demanda, que sera de tal natura do teu feyto e do teu stado? Aprendede agora, os cavalleyros e os homeens d'armas que cobiiçades a juntar muytos mãjares e a vyver ã muyto viço a todo vosso sabor, e sabede que poucas som as cousas que vos cõvãe a manteer vida ãnas hostes e nas guerras e como deve seer pouco o que a boa natura demanda em tal tempo; ca, segundo diseron os saybos antigos, o comer e o beber he pera vyver o homẽ, ca nõ vyver pera comer. E porem aquella cavallarya e companhas de Petreo e Freneo, quando sayron daquella fronta e pressa tamanha em que foron con sede, nom demandavam taças nã vasos, mas avyãsse por muy cõtentos da augua e de a beber com os punhos ou con a boca e os geolhos em terra. E cõ esto e con do pam se tiinhã assaz por viçosos mais que nõca forom. (II, p. 124, ll. 21-37)

No trecho da *VFJC* o juízo de Lucano estabelece o contraste entre a gula e a avareza luxuosa, por um lado, e a estrita necessidade, por outro, sem se endereçar directamente ao leitor. Já o da *CGE 1344* começa pela interjeição que também figura no *LM*; ao substantivo “viço” e ao qualificativo “viçosos”, ali presentes, corresponde aqui o plural “viços”; a referência a “mesa” e o uso do verbo “manteer” também surgem no *LM*, assim como a imaginação daquele a quem se lança a advertência em cenário de guerra («sabede que poucas som as cousas que vos cõvee a manteer a vida enas hostes», na crónica; «que sera de ti quando fores em tal angustura», no tratado de D. João I). Estas são semelhanças privativas da *CGE 1344* e do *LM* que não se vislumbram na *VFJC*, sendo por isso mais provável que D. João I tenha recorrido ao texto cronístico do que à tradução de *Li Fet des Romains*.

2.

Dito he no liuro de Julio Cesar hũa grande autoridade, que diz que todo princepe ou senhor, que algũa terra deua de reger, que

nunca bem a pode reger, se nom for temido e amado: empero que quando algũa destas ouuesse de desfallecer, que antes desfallecesse o amor, que o temor: (LM, p. 325-26)

No que diz respeito a este segundo trecho do *LM*, talvez seja de corroborar a hipótese levantada por Aníbal Pinto de Castro e Maria Helena Prieto, para os quais a fonte se encontrará na *VFJC*. Importa referir que o par amor/temor utilizado por D. João I aparece algumas vezes na *VFJC*⁹, parecendo-nos que o passo mais próximo do que lemos no *LM* é este:

Em qual quer cidade que Cesar entrava nehũu saia contra ele, ante se ascondiam e estavam mudos e quedos de medo. Empero Cesar avivava mais seu temor que seu amor, segundo diz Lucam. (II, p. 380, ll. 3-5)

Em primeiro lugar, note-se a característica comum que mais se evidencia: a nível ideológico, fonte e trecho expressando a mesma ideia – César preferia que o seu povo o temesse a que o amasse. A ordem dos termos (amor/temor) é rigorosamente inversa, pelo que, para manter o mesmo sentido, se utilizam verbos com significados antagónicos: “avivar” vs. “desfallecer”. O uso de uma estrutura concessiva, ainda mais notória por ser utilizada a mesma conjunção (“empero”), é visível na fonte eventual e no trecho de chegada.

Outro dos indícios que nos leva à proposta apresentada é o facto de nos dois passos se fazer referência a uma autoridade. Nomeada no trecho da *VFJC*, que termina com a remissão «(...) segundo diz Lucam»; sem especificação no *LM*, cuja passagem se inicia com a alusão a «hũa grande authorityde»: «Dito he no livro de Julio Cesar hũa grande authorityde (...)»¹⁰.

⁹ Por exemplo: «Cesar das suas gentes mais temudo era que amado, por a qual cousa eles, com cobiiça, mais tostemente se venciam e se corrompiam» (II, p. 624, ll. 11-13); «Ja nom os veeria tam movudos d’arroido que se el nom metesse antre eles ardidamente, e falava tam asenhorado que os metia em paz, ou per amor ou per temor» (II, p. 713, ll. 24-26).

¹⁰ Cf. a lista de fontes da *VFJC* na ed. de M.^a H. M. Mateus, vol. I, p. XL. No trecho pertinente de Lucano, «Gaudet tamen esse timori tam magno populis et se non mallet amari» (in Lucano, *La Guerre Civile (La Pharsalie)*, p. 67), evidencia-se a dicotomia «amari»/«timori» e «tamen», o termo que cremos indirectamente ascendente de «empero».

3.

Ca se algum nom souber algũa cousa destas, que usadas som, e por este liuro as souber, proueito lhe uira, ca pera os que as sabem, nom foy nossa entençom de as aqui escreuer: em como quer que sobre semelhantes cousas auemos hum fêrmoso dito do Crispo Acurio, quando falaua a Julio Cesar, que lhe preguntaua pollas puridades do rio Nilo, e dezialhe: como quer que tu, Cesar, seias entendido e muyto sabedor, nom te leixarey eu de falar em estas cousas, que me perguntas, que sabudo he que bõa cousa he ao caualo, posto que seia muyto aguçoso, poer hũa uez as espolas na carreya, e qualquer que he sabedor falarem na sua sabedoria: e nos bem creemos, que ainda que os monteiros estas cousas saibam, que se learem este liuro, nom lhes pesara de o achar em elle escrito. (LM, p. 365)

Se compararmos com este terceiro e último trecho os passos que lhe parecem corresponder na *VFJC* e na *General Estoria (GE)*, mandada compilar por Afonso X, rei de Castela e Leão, verificaremos que parece ser este último o que exhibe mais pontos em comum com a redacção de D. João I. Observemos os dois trechos, que importa transcrever desenvolvidamente¹¹:

| <i>VFJC</i> | <i>GE</i> (Primera parte, Génesis) |
|---|---|
| <p>Cesar nom prezava nada todalas riquezas das terras que conquistara em comparaçom daquesta, e vergonha lhe parecia por que pelejara ja com seu genro. E começou a geerar em seu coraçom o caminho da batalha e como podesse guerrear os Egipcíaaos e aver aquela riqueza pera si. Des que forom abastados de comer e beber, Cesar começou a preguntar a Antonius, bispo d'Alexandria que comia com eles, ca todos lhe faziam honra por sua dignidade e siso, e disse-lhe:</p> <p>– Senhor, a vossa idade demostra</p> | <p>[cap. IX] (...) E Julio César, por detener los omnes que se non adurmiessen y! guardasen cató contra aquel obispo Acoreo, e sabié d'él cómo era ell omne más sabio de Egipto e el más anciano, e por amor de velar començó a entrar en sus palabras buenas con él e moverle razones luengas e altas por passar la noche d'aquella guisa. E alabandol de luego por enamorarle e meterle a contar lo quel demandava, dixol assí.</p> <p>[cap. X] – Obispo Acoreo, tú eres buen</p> |

¹¹ Na transcrição omitimos, de modo a não interromper a leitura, os títulos dos capítulos, que são “De las razones de Julio César all obispo Acoreo sobr’el Nilo” (X) e “De las razones del obispo Acoreo a Julio César por el Nilo” (XI). Os destaques a negrito foram por nós introduzidos.

que vós devees assaz saber de razom e mesura e do segredo dos deuses. Dizee-nos, se Deus vos ajude, o começo e a hordem das gentes desta terra, e de que costumes som, e fazee-nos conhecer as imagēs dos deuses das batalhas que som em vossos templos e dizee-nos dos seus sacrificios.

Pratam, que foi tam gram meestre em Athenas, veo a esta terra e aprendeo em esta terra algũas cousas de vossos antecessores, e vós mo podees bem dizer que o sabees; e a nomeada de meu genro nom me trouxe acá, mais a vossa soamente. Eu ouvi muito falar das estromias do Egipto e retive algũas cousas, assi que Quedoxres, que foi boo estromimo, nom poderia emendar no calandriro que eu fiz, onde meti o dia do bisesto em nota. E nunca andei em tam apressada guerra que, como ouvesse hũu pequeno espaço, nom buscasse os cursus das estrelas e do firmamento, e este era meu solaz quando cessava das armas e sempre despendia meu tempo em batalhas e em estudo.

varón anciano e dado a santidades, e pruévalo la tu edat e que te entiendo que te aman los dioses. Ruégote yo e pídotelo que tú que nos digas e nos departas los comienços de la gente de Egipto, e los assentamientos d'estas tierras, e las costumbres de las pueblas d'aquí, e otrossí las costumbres de vuestras oraciones e las fechuras e las maneras de vuestros dioses, e todo aquello que está estoriado por sus entallamientos en las entradas de los vuestros tiemplos ancianos. E dinos esto e manifiéstanos en todo lo que es, e muéstranos los dioses que más quieren seer conocidos de los omnes e onrados d'ellos, e si verdad es lo que fallamos escrito que los tus mayores ensenãron las sus cosas santas a Platón de Atenas el filósofo, enseña tú a mí esto. E tengo que fasta oy ninguno non fue más derecho que yo de oírlo nin cual vino aquí por huesped que más sopiesse del mundo nin más ende oviesse andado nin ganado de yentes e tierras que yo. E lo que oí de mio yerno me aduxo aquí a estas vuestras cibdades e regnos de Egipto, mas però otrossí me troxo y la vuestra gran fama e los sabios d'aquí. E yo en medio de las batallas en que andid e ando siempre pensé e contendí en las zonas o cintas de las estrellas e del cielo e en los cuerpos celestiales, e en los dioses, e partí los tiempos del año; de guisa los conté que por la cuenta de Eudoxo el filósofo en aquellos días que dicen fastos non será vencida la cuenta del mio año. En este logar dicen sobr'esto los departidores que esta razón quiere dezir assí, que Eudoxo el estrellero dixo que a cabo de ocho años se tornava siempre el sol a su curso al punto dond saliera en el comienzo d'estos ocho años, e que esto era el

| | |
|--|--|
| <p>Ainda que eu sabia muitas sotilezas e que tanto ame razom e mesura, nom he nada que eu queria mais saber que a natureza do Nilo, que se esparge per meio do Egipto e rega a terra onde he necessario, e u poderia seer a fonte d'hu ele nace. Se eu soubesse estas cousas, leixaria todolos outros cuidados, e as batalhas contra os cidadãaos, por saber esto.</p> <p>E por estas palavras cuidarom algũus que Cesar nom tardasse dous ãnos no Egipto por amor de Cleopatra, que asinha seria farto, mais por saber a natureza de muitas cousas, ca o Egipto he terra do mundo onde mais homem pode achar de natureza de astronomia.</p> <p>Antonius respondeo aa sua pregunta:</p> <p>– Cesar, ainda que nom seja avudo por bem descobrir eu os segredos de meus antiigos meestres e dizer</p> | <p>año grand. E Julio César fizo su cuenta empós esto, e falló por derecho del arte que a cabo de cinco años contecié aquello, e fallaron los outros sabios d'este saber que contara mejor Julio César que non Eudoxo. E estos cinco años son el tiempo a que en Roma dixieron después lustro quando levavan los averes de todas las tierra del mundo a Roma a cabo de los V años, e d'estos averes nació el cuento del era, como contaremos en su logar en la sexta edad. E agora tornamos a la razón de nuestra estoria. E dize Julio César a Acoreo: – Mas maguer que tamaña virtud d'este saber aya yo e la tenga en el mio coraçón pora querer ordenar el siglo e tamaño sea el amor que yo é de mostrar la verdad e dexarla escrita, peró non á cosa ninguna que yo más quiera coñocer que saber las razones del río Nilo que están ascondudas a los omnes e aun a sabios que por tantos siglos como son passados que las non sabe ninguno ciertamente. E que sepa yo la cabeça e la fuente d'él ó es e ó se comienza, lo que nunca fue sabido de cuantos yo sé fasta'l día de oy, que yo pudiesse saber qui lo sabié si tú lo non sabes; e tú que eres buen varón e tan santo e tan sabio que tengo que lo sabes tú muéstrame porque aya yo por ti cierta esperanza de veer e saber las fuentes del Nilo, e por aprender esto dexaré por ende esta batalla cibdadana en que ando, que me serié muy fuerte cosa e muy grieve de dexarla d'otra guisa. D'esta manera se razonó el César e demandó al obispo Acoreo estas razones que oídes, e acabó él aquí.</p> <p>[cap. XI] Començó el obispo Acoreo e respondiól al César d'esta guisa: – César, guisado é yo de mostrar las</p> |
|--|--|

| | |
|--|---|
| <p>o que sempre foi encuberto aaqueles que nom som dignos de o saber, se os outros dizem que mais val [...] que dizer as cousas secretas e cheas de milagres, eu digo que boa cousa he dizer e descobrir as cousas que podem aproveitar. (II, pp.615, l. 4, a 617, l. 3)</p> | <p>poridades dond venimos los grandes parientes de Egipto de que tú demandaste, ca lo sé yo muy bien. E éstas son cosas que nin coñocieron nin sopieron los malos pueblos nin los malos omnes fasta'l tiempo en que oy somos. Mas plégate, e piedad será e santa cosa pora los obispos de callarse ellos e non dezir tamaños miraglos como éstos, ca por ventura non lo saben, e queriéndolo dezir ver se yen en afruenta por ello ante los príncipes e los otros grandes omnes. Mas yo asmo que en dezir de todos los dioses e de todos los celestiales e contarlos todos que será ésta obra que plazrá, o al menos deve plazer a los que la oyeren, e en las santas leyes seer mostradas a los pueblos de quequier que ellas sean tengo que muy bien es e plazer deve a todos los que lo oyeren. (caps. IX-XI, pp. 220-23)</p> |
|--|---|

No passo do *LM* há quatro elementos que devem ser seleccionados na medida em que têm correspondentes diferenciados na *VFJC* e na *GE*. São eles a expressão concessiva inicial, o tema da questão, o verbo utilizado na formulação da questão e o interlocutor de César (destacados a negrito). Enquanto as expressões concessivas da *VFJC* (“Ainda que”) e da *GE* (“maguer que”) estão igualmente distantes da que ocorre no *LM* (“como quer que”), a palavra usada para a formulação da questão pode sugerir que a *VFJC* se avizinha mais da redacção do *LM* do que a *GE*. Com efeito, naquele texto aparece o verbo “preguntar”, que é o que consta do *LM*, ao passo que a *GE* apresenta “demandar”. Note-se, contudo, que estes são os termos esperáveis na língua do *LM* e da *VFJC* e também na da *GE*. De resto, a coincidência do *LM* e da *GE* quanto ao tempo verbal utilizado (pretérito imperfeito: “perguntava” / “demandava”) terá algum valor. Mas é sobretudo o tema da questão colocada por Júlio César e o nome do seu interlocutor que parecem apontar para a *GE* como fonte do *LM* mais verosímil do que a *VFJC*.

No que diz respeito ao último elemento, o nome de quem fala com César, as diferenças são significativas. No trecho da *GE* lê-se

“Acoreo”, forma para a qual se encontra o equivalente “Acúrio” no texto de *LM*. Outras obras que tratam da matéria em causa são concordes no nome: a *Pharsalia* ou *De bello civili* de Lucano dá “Acoreus”¹², o original francês da *VFJC*, *Li Fet des Romains*¹³, fornece “Achoreus”. Em contrapartida, neste trecho a *VFJC* refere esta mesma pessoa sob o nome “Antonius”¹⁴. Sendo a *VFJC* uma tradução para português de *Li Fet des Romains*, podemos estar perante uma distração do tradutor ou um erro do copista por *lectio facilior*, um ou outro responsável pela introdução no texto de uma forma mais familiar do que a que estaria no manuscrito com que cada um trabalhava.

Veja-se, contudo, que este erro pode ser privativo do códice que pertenceu à biblioteca do condestável D. Pedro, sendo admissível que D. João tenha consultado uma cópia diferente da transcrição integral que hoje se conserva, cópia essa que poderia apresentar no passo em análise a forma correcta “Acúrio”. A creditarmos esta hipótese, que não é possível documentar, a *VFJC* ficaria a par da *GE* como fonte verosímil do *LM* no passo em apreço¹⁵.

A paridade entre os dois textos pode, entretanto, desfazer-se com a análise da primeira designação do interlocutor de Júlio César e que originalmente corresponde a um cargo eclesiástico. No grupo de textos que interessa observar, surgem as seguintes designações:

| Texto | Designação |
|-------------------------------------|-----------------------------------|
| <i>Livro da Montaria</i> | Crispo Acúrio |
| <i>Vida e Feitos de Júlio César</i> | Antonius, bispo d’Alexandria |
| <i>General Estória</i> | Obispo Acoreo |
| <i>Li Fet des Romains</i> | Achoreus, li vesques d’Alissandre |
| <i>Pharsalia</i> | sacer (...) Acoreus |

¹² Cf. vol. II, liber X, pp. 190-192.

¹³ Cf. pp. 628-29.

¹⁴ O índice onomástico da ed. M.^o H. M. Mateus lista as diferentes formas que o nome do sacerdote egípcio Acharons assume ao longo do manuscrito: Acharons, Antonius e Atúrius (II, p. 731).

¹⁵ Ao afirmar que «o manuscrito lido por D. João I e o da Livraria do Condestável D. Pedro não podem ser o mesmo», uma vez que D. João terá recorrido a passos que afirma ter extraído desta obra e que não existem no manuscrito do condestável, Maria Helena Prieto inclina-se para a hipótese de ter sido usado um manuscrito hoje perdido da *VFJC* (cf. *op. cit.*, p. 83).

Com a excepção aparente do *LM*, em todas as obras deste quadro se atribui a «Acúrio» uma função religiosa. O quarteto de obras com este denominador comum é passível de ser dividido em dois pares: um, constituído por *Li fet des romains* e *VFJC*, original e tradução, em que o segundo elemento de caracterização de «Acúrio» aparece em aposto, construção diferente da de D. João I. Outro grupo, formado pela *Pharsalia* e pela *GE*, no qual o mesmo traço aparece antes do nome próprio e é constituído por apenas uma palavra, tal como na expressão onomástica apresentada por D. João I; outro traço comum deste segundo grupo é a ausência da especificação espacial 'de Alexandria' (que ocorre em *Li Fet des Romains* e na *VFJC*). Embora não excluamos em absoluto a hipótese de a obra de Lucano ser fonte do trecho em causa, a possibilidade mais económica reside em reconhecer esse estatuto à *GE*.

Só um aspecto afasta o *LM* da *GE* neste ponto, a estranha ocorrência do nome "Crispo" no texto de D. João. A estranheza pode ser desfeita na medida em que esta forma resulta de um erro de leitura patente no COD. 4352 cometido pelo seu copista e primeiro proprietário, Francisco António de Campos, Barão de Vila Nova de Foz Côa. Este era o único manuscrito à disposição de Esteves Pereira, cuja edição reproduz o erro, embora não reproduza a hesitação do escriba. De facto, Francisco António de Campos parece ter tido dificuldade em ler o exemplar nesta zona do texto, como é sugerido pela escrita e cancelamento de duas letras antes de registar "Crispo". Sendo plausível que o exemplar em questão seja o manuscrito da Fundação Oriente Inv. 2646, importa assinalar que a lição deste códice é inequívoca: «auemos un fermoso dito do Bispo Acurio qdo falaba a Julio César» (fólio sem numeração).

Nestes termos, nada colide com a possibilidade de D. João I ter recorrido no passo em análise à *GE*. Aliás, D. João I serviu-se desta obra noutros momentos do *LM*, como já foi demonstrado por Mário Martins para usos que não são explícitos e como se pode comprovar pela leitura de certas remissões expressas para a *GE* (ou para uma sua tradução) que emergem no texto do tratado joanino¹⁶ (Martins 1983). Mais, Lindley Cintra chamou a atenção para um trecho do capítulo XXXVI da *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* de Fernão de Oliveira em que se alude ao arcaísmo "ruão":

¹⁶ No cap. 25 da parte I alude-se directamente à *GE*: «Disse mestre Lucas, Bispo que foi de Tuy, que compoz a estoria geral (...)».

que quer dizer cidadão segudo que eu julguey ã hu liuro antigo o qual foi trasladado em tẽpo do mui esforçado rey dom Johão da boa memorea o premeiro deste nome em Portugal: por seu mãdado foy o liuro que digo escrito e esta no moesteiro de Pera longa: e chamase estorea geral: no qual achei esta com outras anteguidades de falar. (Cintra 1951:184)

Cintra atribui ao uso do verbo “trasladar” por Fernão de Oliveira o sentido de ‘traduzir’ e propõe que se identifique a «estorea geral» citada pelo gramático com uma versão portuguesa da *General Estoria*, de que hoje se conservam alguns fragmentos, e com a *Historia Geral* referida na lista de livros de D. Duarte (Cintra 1951:185)¹⁷.

Há, por fim, um outro dado que reforça a dependência do *LM* em relação à *GE* neste ponto do tratado. Trata-se de um importante elemento comum ao *LM*, à *VFJC* e à *GE*, pois em todos Júlio César pede que lhe sejam revelados os segredos do rio Nilo, ao que o seu interlocutor anui. No *LM*, a formulação «Julio Cesar, que lhe preguntava pollas puridades do rio Nilo» mostra-se sensivelmente equidistante do que lemos na *VFJC* («nom he nada que eu queria mais saber que a natureza do Nilo») e na *GE* («peró non á cosa ninguna que yo más quiera que saber las razones del río Nilo»), que têm neste ponto afinidades muito evidentes. Note-se, contudo, que na *GE* a resposta do interlocutor de César se serve de um termo, “poridades”, presente no *LM* e ausente da *VFJC*: «guisado é yo de mostrar las poridades dond venimos». Portanto, o somatório dos elementos apresentados torna mais verosímil que a fonte para esta terceira passagem tenha sido a *GE* ¹⁸.

¹⁷ Nota 2, p. 190. Os fragmentos foram detectados por Avelino de Jesus da Costa, que propôs identificá-los com partes da *Historia Scholastica* de Petrus Comestor ou com porções da *GE* em português (*Fragments preciosos de códices medievais*, p. 5). Mário Martins provou a validade da segunda hipótese (1983: 94-100).

¹⁸ De entre a literatura castelhana de que se serviu Gomes Eanes de Zurara na sua *Crónica dos Feitos da Guiné* destaca-se a *General Estoria*. Sobre este assunto ver: 1 - Joaquim de Carvalho, «Sobre a erudição de Gomes Eanes de Zurara (notas em torno de alguns plágios deste cronista)», estudo que, antes de vir a lume na revista *Biblos*, XXV, 1949, foi parcialmente publicado no *Boletim Bibliográfico da Universidade de Coimbra*, vols. VI, 1919-21, e VII, 1922-23; na edição de que nos servimos, cf. pp. 285-86, 289, 328-40); 2 - José de Bragança, em notas à edição de 1937 da *Crónica* de Zurara, republicada em 1973, em particular capítulo LXI, p. 263, nota 1, LXII, p. 269, nota 1; 3 - Duarte Leite, *Acerca da «Crónica dos Feitos de Guínee»*, capítulo IV, «Escritos utilizados na Crónica da Guiné», pp. 87-108, em particular: sobre os usos prestados pela *General Estoria* a Zurara, pp. 92-95, 98-102, 104; e sobre as fontes utilizadas nas notas ao texto presentes no códice de Paris, p. 106-107. Neste âmbito, leia-se a seguinte

Em função do observado até aqui podemos propor duas conclusões provisórias:

1. Diferentemente do que tem sido sugerido, a *VFJC* não parece constituir a fonte exclusiva para as referências a Júlio César no *LM*. Se nos três casos analisados, a tradução portuguesa da *VFJC* pode ter sido utilizada para um trecho, nos outros dois afigura-se mais plausível que D. João I se tenha servido da *CGE 1344* e da *GE*, eventualmente na versão portuguesa que ele próprio ordenou. De resto, o caso da aparente dívida à *GE* diz respeito a um trecho com referências menos precisas do que os outros dois, que, apesar de estarem longe de constituir usos literais, terão antecedentes menos difíceis de delimitar, exactamente porque apresentam mais elementos analisáveis.

2. No seu estudo sobre a recepção de Júlio César na Península Ibérica, Isabel Beceiro Pita afirma: «(...) el XV es el gran siglo de César y no sólo en Castilla, sino también en Borgoña, los estados italianos, Aragón y Portugal, por citar únicamente los países donde más se ha podido documentar su acogida» (2003: 372). Embora o começo da dinastia de Avis tornasse compreensível a utilização da imagem do imperador romano como modelo do novo monarca, são relativamente poucas as referências que lhe faz o *LM* e, sobretudo, não parecem programadas para um fim unívoco. De entre o trio de passagens que

observação de Duarte Leite: «Vimos já ser o primeiro [Aristóteles] conhecido do cronista, e verifico que quatro vezes se refere nas suas obras, embora o não nomeie, ao poema *Pharsalia* de Lucano; mas dos restantes [Tolomeu, Plínio, Homero, Paulo Orósio, Rábano e mestres Gondofre e Pedro] vamos mostrar que não leu escrito algum» (*op. cit.*, p. 99). Assim, parece depreender-se que para Duarte Leite, mantendo reserva acerca do caso de Lucano, Zurara lera Aristóteles e não lera os outros autores referidos em último lugar. A questão tem algum relevo, pois, para Joaquim de Carvalho, Lucano é citado directamente num capítulo dominado pelo recurso à *GE* enquanto que para José de Bragança todo esse capítulo provém da *GE* (ed. *Crónica*, p. 269, nota 1; o trecho pertinente aparece na p. 272; sentido semelhante parece retirar-se das palavras de Mateus 1970: XI, e de forma mais assertiva, p. XXVIII, nota 12). Com efeito, na p. 222, nota 88, Joaquim de Carvalho assinala que Zurara terá retirado a designação «Bispo Acoreo» da *GE* de Afonso X, mas refere que a fala de Acóreo a César terá provindo directamente de Lucano e não da tradução que aparece na obra alfonsina (ed. Solalinde, I, livro V, caps. IX-XVI, pp. 114-20, esp. 119, col. 2). Segundo L. F. L. Cintra, terá sido a tradução portuguesa da *GE*, mandada fazer por D. João I – e não o texto castelhano original – que Zurara conheceu e utilizou largamente na sua *Crónica da Guiné*. Esta influência tardia da compilação alfonsina, um pouco extemporânea, como diz Joaquim de Carvalho, dever-se-ia em parte à atenção que sobre a obra de Afonso X teria feito recair, mais de um século depois da sua redacção, a iniciativa tomada por D. João I, iniciativa que no século seguinte seria recordada pelo autor da *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* (*op. cit.*, p. 191).

nos interessa, apenas a que expõe a dicotomia entre ser amado e ser temido aponta para um determinado ideal de governação. É certo que o passo em que César solicita a Acúrio que o instrua acerca do Nilo pode configurá-lo como general interessado pelo saber (Isabel Beceiro Pita assinala que o modo como os textos alfonsinos aproveitam este episódio tem a ver com a difusão de um certo modelo de sociabilidade cortesã (2003: 371)). É igualmente verdade que, na sequência do episódio em que César vence Petreus e Afranius, há um juízo de índole moralizadora articulável com funções de governação (indução de exemplos de temperança, de fuga ao excesso). Estas possibilidades, contudo, alicerçam interpretações algo forçadas. Ao nos apercebermos do contexto em que ocorre o pedido formulado por César a Acúrio, verificamos que se trata de um pretexto para os seus guardas ficarem vigilantes durante a noite de modo a evitarem eventual assassinio do seu líder. A esta intenção fica subordinada toda a fala de César, inclusivamente a parte em que se equipara a Platão, a parte em que comentadores o consideram superior ao filósofo Eudoxo e a parte em que diz preferir a guerra a favor do saber. Estes três pontos da fala de César, se fossem descontextualizados do motivo que o leva a entabular o diálogo com Acúrio, poderiam servir a D. João I para o tomar como modelo da articulação entre as armas e as letras. Toda esta dimensão do discurso é, no entanto, omitida no trecho do *LM*, registando-se apenas, de modo assaz prosaico, que tal como Acúrio disse a César coisas que este ignorava, D. João I endereça os seus ensinamentos a quem os desconhece. Quanto ao outro passo do *LM*, em que emerge a sentença acerca das minguas e das farturas dos homens, César funciona como simples pretexto, sendo-lhe alheia a responsabilidade autoral pela advertência moralizadora. Em síntese, não parece ter sido através do *LM* que a figura de César se instala como modelo de cavaleiro letrado (ou, a bem dizer, do que quer que seja) na literatura portuguesa.

Para a reconfiguração de César como síntese entre cavaleiro e letrado haverá que esperar pela geração seguinte, em particular por D. Duarte, o qual, não tendo usado fontes distintas das que serviram os intuítos do pai e tendo sido ainda mais escasso no número de trechos com referência ao general romano, direccionou-os de forma consistente e inequívoca para a representação do modelo que agrega o poder bélico e a cultura escrita¹⁹. Ao fazê-lo, terão sido reactivadas

¹⁹ O tratamento documentado deste assunto aparecerá em nótula a sair proximamente.

tendências que só mais tarde se manifestarão noutras paragens ibéricas (Nascimento 2003: 165 e 2004: 41-42).

BIBLIOGRAFIA

1. Textos

- Alfonso X el Sabio, *General Estoria*, edición, introducción y aparato crítico de Pedro Sánchez-Prieto Borja, vol. I, Madrid, Biblioteca Castro / Fundación José António de Castro, 2001.
- Crónica Geral de Espanha de 1344*, edição crítica do texto português por Luís Filipe Lindley Cintra, vols. I e II, Lisboa, Imprensa nacional da Casa da Moeda, 1984 (1.ª ed. 1951).
- Li Fet des Romains* compilé ensemble de Saluste et de Suetoine et de Lucan, texte du XIII^e siècle publié pour la première fois d'après les meilleurs manuscrits par L.-Flutre et K. Sneyders de Vogel, Paris – Groningue, E. Droz – J.-B. Wolters Editeurs, 1938.
- D. João I, *Livro da Montaria*, publicado conforme o manuscrito n.º 4352 da Biblioteca Nacional de Lisboa por Francisco Maria Esteves Pereira, Lisboa, Academia das Ciências, 1918.
- Livro dos Conselhos de El-Rei D. Duarte (Livro da Cartuxa)*, ed. diplomática de João José Alves Dias, Lisboa, Editorial Estampa, 1982.
- Lucano, *La guerre civile (La Pharsalie)*, texte établi et traduit par A. Bourguery et Max Panchont, vols. I e II, Paris: Société d'édition «Les Belles Lettres», 1948.
- Vida e Feitos de Júlio César*, edição crítica da tradução portuguesa quatrocentista de *Li fet des romains* por Maria Helena Mira Mateus, vols. I e II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.
- Vida e Feitos de Júlio César*, tradução anónima quatrocentista da obra francesa do séc. XIII *Li fet des romains*, apresentação crítica, selecção, glossário e notas de Maria Helena Mira Mateus, Lisboa, Seara Nova / Editorial Comunicação, 1980.
- Gomes Eanes de Zurara, *Crónica de Guiné*, segundo o ms. de Paris. Modernizada. Introdução, notas, novas considerações e glossário de José de Bragança, Porto, Livraria Civilização, 1973 [1937].

2. Instrumento de referência

Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses (BITAGAP), compilada por Arthur L-F. Askins, Harvey L. Sharrer, Aida Fernanda Dias e Martha E. Schaffer

<http://sunsite.berkeley.edu/Philobiblon/phhmbp.html>

3. Estudos

Azevedo (1913): Pedro de Azevedo, “Duas traduções portuguesas do século XIV – Um fragmento das “Partidas de Castella”, *Revista Lusitana*, vol. XVI, pp. 101-111.

Beceiro Pita (2003): Isabel Beceiro Pita, “César, ancestro de la nación hispana y espejo de caballeros” *Euphrosyne*, n.º XXXI, Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras de Lisboa, pp. 369-78.

Braga (1892): Teófilo Braga, *História da Universidade de Coimbra*, tomo I (1289-1555), Lisboa, Academia Real das Ciências.

Calado (1994): Adelino de Almeida Calado, “Introdução” a D. Pedro e Frei João da Verba, *Livro da Vertuosa Benfeytoria*, edição crítica, introdução e notas de A. A. Calado, Coimbra, Universidade de Coimbra, pp. VII-CVII.

Carvalho (1983): Joaquim de Carvalho, “Sobre a erudição de Gomes Eanes de Zurara (notas em torno de alguns plágios deste cronista)”, *Obra Completa*, II, História da Cultura, 1948-1955, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 185-340.

Castro (1989): Aníbal Pinto de Castro, “Do valor literário do *Livro da Montaria*”, *Congresso internacional Bartolomeu Dias e a sua época. Actas*, vol. IV (*Sociedade, cultura e mentalidades na época do Cancioneiro Geral*), Porto, Universidade do Porto / Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, pp. 51-64.

Cintra (1951): Luís F. Lindley Cintra, “Sobre uma tradução portuguesa da *General Estoria* de Afonso X”, *Boletim de Filologia*, t. XII, fasc. 2, pp. 184-91.

Costa (1992): P. Avelino de Jesus da Costa, *Estudos de Cronologia. Diplomática, paleografia e histórico-linguísticos*, Porto, s. ed..

Dinis (1949): António J. Dias Dinis, O.F.M., *Vida e obras de Gomes Eanes de Zurara*, vol. I, *Introdução à Crónica dos Feitos de Guiné*, Lisboa: Agência Geral das Colónias, Divisão de Publicações e Biblioteca.

Leite (1941): Duarte Leite, *Acerca da «Crónica dos feitos de Guinee»*, Lisboa, Livraria Bertrand.

- Martins (1956): Mário Martins, "A tradução da "General Estoria" e da "Formula Vitae Honestae", em português", *Estudos de Literatura Medieval*, Braga, Livraria Cruz, pp. 93-104.
- Martins (1983): Mário Martins, "A racionalização cristã de Ovídio na *General Estoria* e no *Livro da Montaria*", *Estudos de Cultura Medieval*, III, Lisboa, Brotéria, pp. 119-31.
- Mateus (1970): Maria Helena Mira Mateus, "Introdução", em Mateus (ed.), *Vida e Feitos de Júlio César*, pp. IX-XLIII.
- Mateus (1983): Maria Helena Mira Mateus, *Uma fonte francesa da cultura portuguesa no século XV*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, separata de *Les rapports culturels et littéraires entre le Portugal et la France*, actes du colloque, Paris, 11-16 octobre 1982.
- Nascimento (2003): Aires A. Nascimento, "Nota mínima a *Vida e Feitos de Júlio César*: a questão da origem do manuscrito", *Razões e Emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*, organização de Ivo Castro e Inês Duarte, vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 157-66.
- Nascimento (2004): Aires A. Nascimento, "Nova idade, nova linguagem: entre afecto e alto desempenho de funções, a palavra no séc. XV português", *Humanismo para o nosso tempo. Homenagem a Luís de Sousa Rebelo*, Lisboa, s.ed., pp. 33-57
- Piel (1948): Joseph M. Piel, "Introdução" a *Livro dos Ofícios* de Marco Tullio Ciceram o qual tornou em linguagem o ifante D. Pedro, edição crítica por J. M. Piel, Coimbra: Universidade, pp. V-XL.
- Pimpão (1959): Álvaro J. da Costa Pimpão, *História da Literatura Portuguesa. Idade Média*, Coimbra, Atlântida (2.^a ed., revista).
- Prieto (1992): Maria Helena de Teves Costa Ureña Prieto, "Bibliografia Clássica do *Livro da Montaria* de D. João I", *Actas do Terceiro Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Coimbra, s. ed., pp. 77-94.